

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA AIDS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TÉCNICA DE EVOCAÇÕES LIVRES

Fátima Dayanne Wirtzbiki Ferreira<sup>1</sup>

Priscila de Vasconcelos Monteiro<sup>2</sup>

Maria Lúcia Duarte Pereira<sup>3</sup>

Carlos Bruno Silveira<sup>4</sup>

Ana Irys Bezerra de Sousa<sup>5</sup>

As representações sociais (RS) são o estudo da maneira pela qual os indivíduos pensam e percebem o mundo ao seu redor. Elas traduzem os conceitos partilhados por um grupo social, geram identificação, criam e transformam determinada realidade, tornam comum aquilo que é científico e de são um guia para as ações e relações sociais. Para sua interpretação existem três perspectivas, a genética, a dinâmica e a estrutural<sup>(1)</sup>. Nesta última o núcleo central é o elemento principal da representação, determina seu significado e sua organização estrutural interna. Nele as RS se estabilizam<sup>(2)</sup>. A periferia se organiza ao redor do núcleo central e tem a função de protegê-lo e reafirmá-lo. Para captar as RS da AIDS a partir de uma abordagem estrutural, a técnica de evocações livres permite captar seu conteúdo de maneira rápida e clara, além de minimizar o apelo social e a intencionalidade do próprio participante em convencionalizar as respostas. Objetivou-se identificar como se estruturam as representações sociais e quais as significações atribuídas à AIDS por jovens a partir da técnica de evocações livres. Pesquisa descritiva, com abordagem quali-quantitativa, desenvolvida em escola estadual de ensino fundamental e médio da cidade de Fortaleza-CE, contou com a participação de 178 sujeitos entre 15 e 24 anos regularmente matriculados. Os dados coletados através de questionário com teste de evocações livres e com questões sócio demográficas, foram processados pelo software EVOC (*Ensemble de programmes Permettant L'analyse des Evocations*), e os dados analisados por meio da abordagem estrutural das RS através do quadro de quatro casas resultante do processamento no programa. Este estudo obedeceu aos critérios do código de ética em pesquisa com seres humanos e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual com parecer de número 58028. A maioria dos participantes era do sexo masculino, 95 (53,4%), com idade média de 16,7 anos e tinham em média de 9,9 anos de estudo, ou seja, encontravam-se no ensino médio. A renda média por indivíduo foi de 487,88 reais. Portanto, maior parte estava classificada como classe média, 89 (60,5%). No quadro de quatro casas arranjado a partir do primeiro termo indutor 'AIDS', obteve-se no quadrante superior esquerdo os elementos 'doença' e 'doença grave', que compuseram o núcleo central da representação. Estes elementos foram evocados mais prontamente e numa frequência mais elevada. Apesar dos avanços na terapêutica e de hoje ser tratada como doença crônica, a gravidade relacionada à AIDS teve maior importância para os participantes. Na primeira periferia, ou quadrante superior direito, encontrou-se os elementos evocados com maior frequência e maior ordem média de evocação. A palavra 'morte' destacou-se pela alta frequência com 53 repetições. O termo exerce proteção e reafirma o conceito de AIDS como 'doença' ou 'doença-grave'. 'Dor', 'medo', 'sofrimento' e 'tristeza', juntas foram citadas 79 vezes, demonstrando a forte presença de sentimentos negativos nas

<sup>1</sup>. Acadêmica de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias. E-mail: daywirtz@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>. Enfermeira. Mestre em Enfermagem Clínica pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

<sup>3</sup>. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Departamento de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

<sup>4,5</sup>. Acadêmicos de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membros do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

representações sobre AIDS. Estes sentimentos presentes no imaginário popular como decorrentes da doença, fazem parte da constituição da primeira periferia e reforçam o conteúdo do núcleo central. Outra pesquisa apontou que "o significado da AIDS [...] traz uma dimensão imagética associada à morte e reflete o posicionamento dos sujeitos por emoções e atitudes como sofrimento, medo e preconceito"<sup>(3)</sup>. A segunda periferia, formada por elementos do quadrante inferior direito, contem termos com menor frequência e maior *rang*, ou seja, evocados depois e de menor importância para os sujeitos. Nela, o termo 'sem cura' tem destaque, pois apesar de não ter sido lembrado prontamente, fez parte da representação com uma frequência considerável. 'Hospital', 'remédio' e 'saúde' fizeram parte desta segunda periferia com significado de cuidado e de solução possível para a problemática da AIDS. Os elementos de contraste, alocados no quadrante inferior esquerdo, possuem menor frequência e menor *rang*, o que significa que para alguns sujeitos aqueles termos tiveram grande importância. Palavras como 'perigo', 'sangue' e 'seringa', lembram elementos biológicos envolvidos na transmissão do vírus HIV. Para estes sujeitos, a transmissão teve uma importância maior que sentimentos negativos ou a gravidade da doença. A zona de contraste pode tanto reforçar o núcleo central como introduzir conceitos divergentes. Nesta encontrou-se reforço aos termos 'doença' e 'doença grave', pois 'perigo' e principalmente 'sangue' e 'seringa', são conceitos ligados à doença e sua transmissão. O termo indutor 'EU COM AIDS' foi introduzido como comparativo às respostas ao termo 'AIDS'. Este termo favorece a personalização da doença, o que pode produzir diferentes significados na representação. A partir do segundo estímulo o núcleo central foi formado por elementos como 'medo', 'choro' e 'vergonha', que juntos somaram 68 repetições. Isso demonstra que estes sentimentos estiveram no centro da representação ao se imaginarem com a doença. O sentimento representado pela palavra 'vergonha', que no sinônimo 'constrangimento' só foi aparecer para o termo indutor AIDS na segunda periferia, compôs o núcleo central da representação. No momento em que AIDS se tornou pessoal, a vergonha foi manifesta de maneira mais marcante para os sujeitos. A primeira periferia foi composta por sentimentos negativos advindos da doença como 'angústia', 'desespero', 'depressão'. Estes termos somados compuseram 58,0% dos elementos presentes, o que demonstra a forte carga emocional que a AIDS pode trazer a vida de um jovem. As palavras 'tratamento', 'vida' e 'cuidado' aparecem como o aspecto "curativo" relacionado à AIDS. O termo 'isolamento' apareceu na segunda periferia como reafirmação aos termos 'preconceito' e 'solidão' presentes na primeira periferia. 'Sem-cura' compôs a segunda periferia e adquiriu *rang* e frequências semelhantes a partir de ambos os estímulos indutores. A lembrança da característica sem cura da AIDS trouxe a concepção de algo imutável, por isso a expressão 'vida-acabada' também esteve presente compondo esta estrutura. Apesar do conhecimento do tratamento e dos avanços, ao se imaginarem com a doença muitos jovens deram a própria vida como acabada. Desta forma, entende-se que a AIDS está envolta em um misto de conceitos e sensações que se sobrepõem. Se de um lado o conhecimento diz que há esperança, tratamento, apoio e vida; do outro, os sentimentos mostram desespero, isolamento e a vida-acabada. As RS da AIDS estiveram marcadas por elementos negativos referentes à transmissão do vírus, às causas e consequências da infecção e por termos como preconceito e morte. Diante disso, a enfermagem pode utilizar as RS da

<sup>1</sup>. Acadêmica de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias. E-mail: daywirtz@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>. Enfermeira. Mestre em Enfermagem Clínica pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

<sup>3</sup>. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Departamento de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

<sup>4,5</sup>. Acadêmicos de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membros do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

AIDS apreendidas como um instrumento para o cuidado. Ao conhecer como estes jovens pensam a AIDS é possível planejar intervenções com a priorização de aspectos mais urgentes. A educação em saúde e a sensibilização dos jovens para a prevenção e para redução do preconceito devem fazer parte das metas do enfermeiro. Frente a tantos sentimentos negativos, a enfermagem pode lembrar aos jovens sobre a eficiência e ampla acessibilidade ao tratamento antirretroviral hoje existente no Brasil. Com isso, o desespero e a tristeza simulados poderão ser substituídos por esperança, prevenção e enfrentamento positivo de circunstâncias adversas de saúde. 1. Jodelet D. Imbricações entre representações sociais e intervenção. In: Moreira ASP, Camargo BV, organizadores. Contribuições para a teoria e o método de estudo das representações sociais. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007. 2. Franco MLPB. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. Cadernos de Pesquisa 2004; 34(121): 169-186. 3. Marques SC, Oliveira DC, Gomes AMT. AIDS e representações sociais: uma análise comparativa entre subgrupos de trabalhadores. Psicologia: Teoria e Prática 2004; ed. especial: 91-104.

Descritores: Pesquisa em Enfermagem. Métodos. Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Eixo temático: questões antigas e novas da pesquisa em enfermagem

<sup>1</sup>. Acadêmica de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias. E-mail: daywirtz@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>. Enfermeira. Mestre em Enfermagem Clínica pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

<sup>3</sup>. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Departamento de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

<sup>4,5</sup>. Acadêmicos de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membros do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.